
Como a Política Presente na Rede Social Facebook, Afeta as Relações Pessoais: Uma Análise das Pré-Candidaturas de Lula e Bolsonaro nas Eleições 2018¹

Leilane Cristina SVERSUTI²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, BA

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar se o acesso à internet, em específico a rede social Facebook, reverbera em ações que afetam as relações pessoais. Para tanto, realizamos uma análise de prints de 2016 (ano do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff) a 2018 (ano de eleições à presidência), acerca da intolerância presente nesta esfera que é intensificada pela promoção das bolhas sociais intrínsecas a estas redes. Averiguamos também, por meio de um questionário compartilhado no Facebook, se na opinião destes usuários, há intolerância na rede, e uma resistência diante da divergência de opinião política.

Palavras-chave: Internet; Facebook; Democracia; Intolerância; Bolhas Digitais.

Introdução

Abordamos nesse artigo como as relações pessoais, estão cada vez mais dependentes e presentes nas mídias digitais, em esferas denominadas redes sociais. Essa construção de relações por intermédio da realidade virtual, acaba por interferir nos processos comportamentais de seus usuários, construindo e influenciando ações da rede para o "mundo real", de modo que ambos espaços tendem a fundir-se em uma só esfera comunicacional.

Essa possibilidade de integração da comunicação por meio das redes sociais, transpassa o meio virtual para o físico, concentrando e migrando diversos assuntos que antes faziam parte dos debates e embates sociais do homem apenas face-a-face, mas que agora, foram interligados ao mundo *on-line*, de modo que essas opiniões divergentes acerca da política, orientação sexual, religião, expostas digitalmente, colaboram para a criação de bolhas ideológicas e pela promoção da intolerância nos espaços digitais, que

¹ Trabalho apresentado no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

² Graduanda do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e-mail: leilanesversuti@gmail.com.

perpassam para os espaços não-digitais construindo um agendamento³ destes assuntos para com o público.

Nesse sentido, viemos por meio deste trabalho, analisar de que modo os comportamentos e a exposição da opinião política presente na rede social Facebook, contribuem para um afastamento pessoal real destes usuários, se originando no meio virtual e se agravando de modo considerável para os meios não-virtuais do processo de comunicação.

Internet e a Promoção do Discurso Democrático x Bolhas Sociais

Devido ao desenvolvimento das novas tecnologias na sociedade, é cada vez mais difícil se desassociar a interação digital do processo comunicacional dos indivíduos. Para os psicólogos Abreu e Young (2011) o ser humano por si só está cada vez mais transferindo as suas relações para o mundo digital, o que acaba por transformar o usuário em parte da rede:

A facilidade de acesso à internet, de qualquer lugar, torna o usuário uma parte da rede de internet em si. As pessoas, literalmente, se tornaram nodos em um vasto sistema de rede impessoal, e esse sistema agora é móvel e portátil (ABREU; YOUNG, 2011, p.175).

Desse modo, nota-se que ambas realidades estão em um processo de junção em que uma não será desvinculada da outra, seja para situações de relação de longo ou de curto alcance, pois, se antes a sociedade bebia dessas fontes para se comunicar com pessoas distantes, atualmente utilizam dessas ferramentas para interagir com pessoas que estão a menos de um metro de distância, sendo essas características consideradas como um novo padrão de comunicação inserido por estas tecnologias no sentido de promover uma sociedade de informação, que:

[...] indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico (CASTELLS, 1999, p. 64-65).

³ Teoria utilizada no jornalismo, chamada *Agenda Setting*, que confirma que a mídia influencia e projeta os acontecimentos da opinião pública a partir dos meios de comunicação.

É importante ressaltar que essa dependência das novas tecnologias provém do surgimento da internet que ocorreu com o advento da empresa ARPAnet (Advanced Research Projects Agency Network), em 1969. Sendo o seu desenvolvimento baseado com preceitos de estratégia militar nos EUA, durante a Guerra Fria, sendo que ela possibilitava o controle de informações por meio de uma rede de computadores, que agregava em mais agilidade na comunicação do exército estadunidense, trazendo vantagens em relação a seu oponente soviético.

Porém, o instrumento de guerra, anos mais tarde teve a sua aplicação em centros de pesquisa, universidades e escritórios. Depois tornou-se ainda mais dinâmica, possibilitando a interação dos internautas por meio de fóruns, bate-papos, blogs, jogos e mais a frente, possibilitou a comunicação, por intermédio das redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter, Youtube, dentre outros).

Toda essa revolução comunicacional gerou o movimento de contracultura, considerado como:

[...] uma cultura libertária que norteou o modo de agir, de pensamento e de comunicar de jovens, artistas, pesquisadores e intelectuais dos anos de 1960 e 1970 nos EUA e congêneres pelo mundo afora, tendo tido o seu zênite no emblemático 1968, um ano antes de as ideias e ações convergirem para o lançamento da ARPAnet a partir de setembro de 1969. [...] Também naquele ano acontecimentos nos EUA e no mundo entraram em erupção e afluíram de forma poderosa pelo ideal de criar um mundo melhor (CARVALHO; OTERO, 2017, p.1).

Este movimento agregou em uma quebra do padrão sujeito/receptor considerados por Carvalho e Otero (2017, p.3), como seres passivos diante da produção dos processos de comunicação, de modo que “o sujeito empoderado queria produzir o seu próprio conteúdo”. E não só produzir como se comunicar com outras pessoas sobre temas que até então não eram discutidos abertamente na sociedade. Com isso, as pessoas passaram a utilizar a rede como um espaço democrático para discussão e promoção de novos conteúdos para serem postos em debate, sendo a internet, considerada um espaço amplo que trazia voz a todas as camadas sociais independente da classe econômica a que estes sujeitos estivessem inseridos.

Sabe-se porém que atualmente, apesar da internet ser vasta, boa parte da população acredita que a internet é pura e meramente um recanto das redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, dentre outras), o que contribui para uma caracterização das redes sociais denominada como bolhas sociais, que é justamente a construção de filtros por meio dos algoritmos presentes nas redes, que evidenciam apenas aquilo que nos interessa e agrada, sendo que para Pariser (2012, p.97): “Na bolha [...] nem chegamos a enxergar as coisas que não nos interessam. Não estamos cientes, nem mesmo de forma latente, de que existam grandes eventos e ideais dos quais não ficamos sabendo”.

Teixeira (2017) descreve esse processo:

Para o melhor aproveitamento dos acessos, tentam automatizar sistemas de pesquisa. [...] Criaram-se então formas de entender quem está acessando e para qual finalidade está utilizando a plataforma. [...] Essa prática não é divulgada suficientemente, com isso é criada uma falsa sensação de liberdade, onde todos compartilham dos seus gostos e suas ideias, aprofundando o internauta numa bolha social sem saída (TEIXEIRA, 2017, si).

Pariser (2012) explica que as bolhas no Facebook são invisíveis, de modo que de acordo aos interesses do internauta, há uma personalização de seus produtos em que é afunilado os conteúdos expostos a estes internautas de acordo a gostos pessoais que são padronizados a partir de seus cliques, *likes*, buscas e compartilhamentos.

Esse conceito, quebra a linha democrática associada ao ambiente digital, promovendo uma falsa sensação de democracia, uma vez que estes usuários tornam-se cada vez mais intolerantes a assuntos que não lhes agradam, agregando em um comportamento de distanciamento de assuntos que não são de interesse, repercutindo em *deslikes* e no desfazimento de amizades promovidas neste ambiente digital. Sendo que essa característica equiparada ao abandono de amizades, acontece não apenas no ambiente virtual, como “real”, uma vez que atualmente “os limites entre os mundos físico e virtual estão se tornando indistintos” (DEUZE, 2010, p. 142).

Contudo, o efeito das bolhas poderia ser amenizado, se dentro dos perfis dos usuários, existissem amigos que compartilhassem postagens diferenciadas de seus

gostos, que iriam aparecer no *feed* de seus amigos. Porém, as pessoas, por si só, estabeleceram uma educação de não compactuar com a divergência de opinião e promoveram um movimento em que se deleta os amigos de acordo as suas opiniões, fazendo com que apenas amigos com as mesmas convicções estejam presente em suas redes, o que não promove esse caráter democrático evidenciado como característica chave da internet para com a sociedade.

Intolerância na Rede Social Facebook: Uma Análise das Pré-Candidaturas de Lula e Bolsonaro nas Eleições 2018

A partir da intolerância evidenciada no capítulo anterior, realizamos uma análise na rede social Facebook, em que observamos comportamentos de intolerância por alguns usuários desta esfera digital, estabelecidos pelo movimento de se deletar amigos, que serão descritos nos prints abaixo. Zelamos pela ética e privacidade destes usuários, portanto desfocamos o nome de identificação destes personagens que aqui, serão utilizados como caso de estudo comportamental.

Nota-se que em abril de 2016, alguns perfis já criavam postagens que indicavam que desfazer a amizade com pessoas que tinham outras preferências políticas seria uma solução viável, sendo que, o ano de 2016 foi marcado pelo impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, que aconteceu meses depois dessa postagem, no dia 31 de agosto.

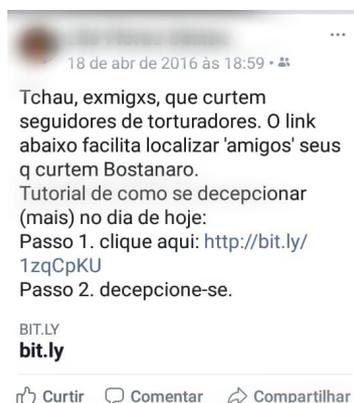


Imagem 1 - Via Facebook

Abaixo segue os comentários elencados da postagem acima, que indicam que os amigos da pessoa que fez a postagem também acham necessário fazer essa distinção de amizade no Facebook, de acordo as opiniões políticas, em que deletar a pessoa com preferência diferente, mostra-se como uma opção viável e necessária.

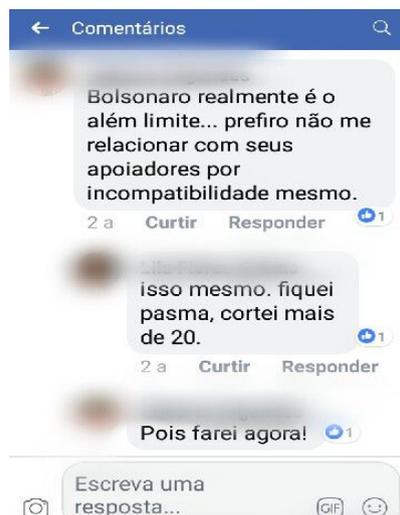


Imagem 2 - Via Facebook

A postagem evidenciada abaixo, também foi feita em abril de 2016, porém, por outro usuário da mesma rede social e que segue a mesma linha da pessoa acima, em que se descreve que é necessário a feição de uma faxina na rede social, e se cortar as relações com os "adoradores do Bolsonaro" dentro do Facebook:

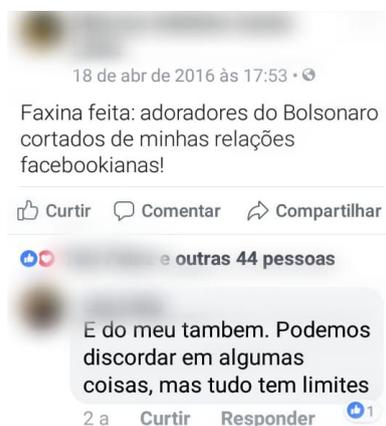


Imagem 3 - Via Facebook

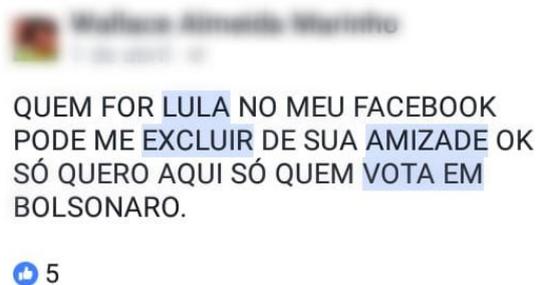


Imagem 4 - Via Facebook

Na imagem acima, nota-se que não apenas apoiadores da esquerda se mostram contrários a divergência de opinião política, visto que a direita também apresenta essa intolerância evidenciada nas redes sociais. Porém, estes não expõem terem feito uma "limpa" na rede, nesse momento fazem o contrário, pedindo para que os seus amigos que apoiam Lula, deletem a sua amizade. Ação que se repete na postagem abaixo, feita em novembro do ano passado, quando o então Deputado Jair Bolsonaro já tinha discriminado a sua intenção de se candidatar às eleições 2018, que foi de fato anunciada em 05 de janeiro de 2018, por meio de partido PSL (Partido Social Liberal):

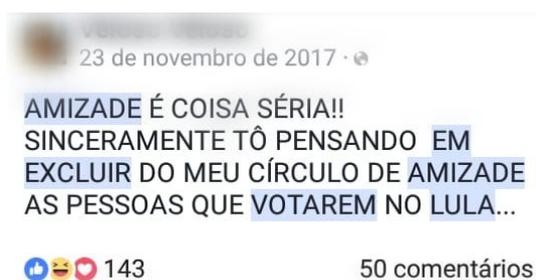


Imagem 5 - Via Facebook

A postagem abaixo foi realizada em 24 de março deste ano, pela página “Lula Presidente” na qual aborda na publicação, a respeito da candidatura do ex-presidente Lula, que foi indicada no dia 25 de janeiro de 2018, um dia após a sua condenação.

Percebe-se nesta postagem a mesma característica evidenciada pela direita, em que os usuários ao invés de excluir, agora, pedem para que sejam deletados dos perfis

de quem não apoia os mesmos políticos e partidos que vão de encontro a de suas convicções:



Imagem 6 - Via Facebook

Observamos pelos comentários feitos abaixo da postagem da imagem, que esse sentimento/ação de se excluir a amizade com pessoas que pensam diferente é apoiado pelos seguidores da página:

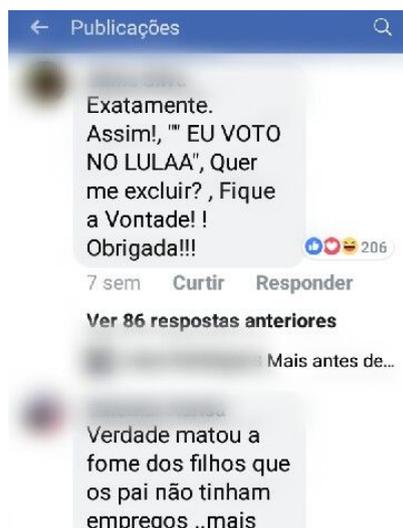


Imagem 7 - Via Facebook

E esse pedido de remoção de amizade, começa a ser feito pelos usuários dentro da rede, como podemos observar abaixo:

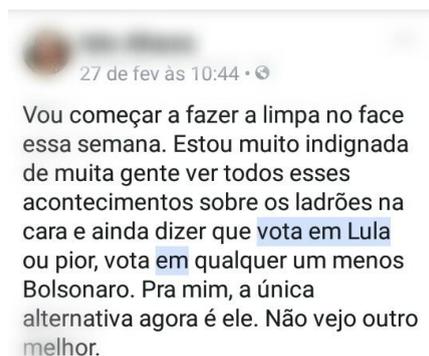


Imagem 8 - Via Facebook

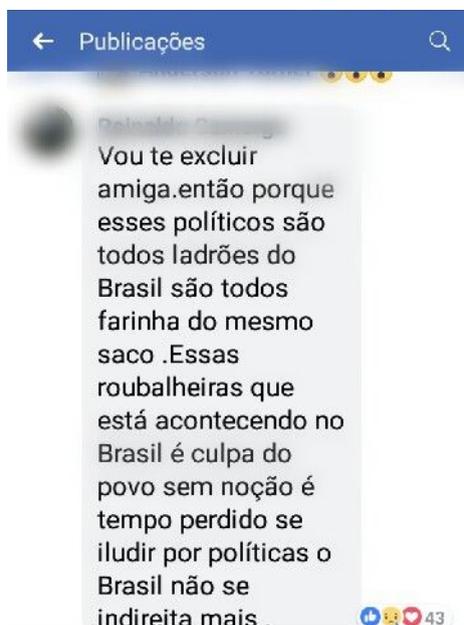


Imagem 9 - Via Facebook

Percebe-se que esse embate originado nas redes sociais tende a se elevar para os espaços fora da rede. Essa característica torna-se mais evidente e fervorosa desde 2016, quando uma série de manifestações foram travadas no Brasil contra a corrupção e mais a frente com o impeachment de Dilma Rousseff, de modo que nota-se que o cenário atual, frente às eleições 2018, traz de maneira intensa a elevação do movimento de se deletar amigos com opiniões divergentes na rede, independente de ser de esquerda ou

de direita, sendo essa tendência promotora da intolerância que transpassa os espaços digitais.

Notamos então que as pessoas que apoiam políticos e partidos opostos, preferem e sentem-se mais à vontade em seus perfis, tendo como amigo(a) apenas pessoas que compartilham das mesmas ideologias e que tenham pensamentos semelhantes a de suas convicções, atitude que atesta a criação de bolhas ideológicas e comportamentais que são expostas dentro da internet e das redes, e que podem ser transmitidas para ações fora do mundo digital, domesticando os internautas a uma forte intolerância de opiniões contrárias, e a um comportamento que eleva o ego destes personagens não contribuindo na construção de discursos democráticos, de modo que estes usuários atestam serem os donos de uma verdade absoluta, não dando margem de que as suas convicções são um ponto de vista construído pelo espaço social que habitam, descrito por Bourdieu (1996) como um:

[...] princípio de uma visão assumida a partir de um ponto situado no espaço social, de uma perspectiva definida em sua forma e em seu conteúdo pela posição objetiva a partir da qual é assumida. O espaço social é a realidade primeira e última, já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele (BOURDIEU, 1996, p. 27).

Nesse sentido, podemos atrelar este conceito de formação de opinião como uma construção ideológica a partir destes espaços/campos sociais, que Bourdieu (2005, p. 191) denomina ser proveniente de um *habitus*, qualificado como um: [...] sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.

Assim, podemos relacionar o Facebook como um campo social que segundo Chartier (2002, p.140) "têm suas próprias regras, princípios e hierarquias" e que é definido "a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros".

Pesquisa Quantitativa Sobre Redes Sociais e as Relações Pessoais

Optamos pela realização de uma pesquisa quantitativa, anônima e *on-line*, que foi distribuída e compartilhada dentro da rede social Facebook, em que houve a participação de 128 usuários, sendo 63,3% mulheres e 35,9% homens, com diferentes idades que variam dos 15 aos 42 anos, para realizar uma análise acerca de questões atreladas sobre a intolerância política presente nas redes sociais, para entender se, na convicção destes usuários, essas redes afetam as relações pessoais fora da rede.

Averiguamos por meio da pesquisa que 85,9% acessam a internet para utilizar redes sociais, o que comprova a ideia de que as redes sociais estão sendo estabelecidas como um portal de informação que vai além do entretenimento. Mas, apesar das redes serem consideradas por estes usuários como os ambientes mais acessados, 85,9% acreditam que estas esferas estão distanciando a relação das pessoas, uma característica que pode ser evidenciada justamente pela intolerância presente nestes ambientes digitais em que 35,2% dos usuários afirmam já terem tido a experiência de alguma pessoa deixar de ter a mesma relação com ela fora da rede, devido alguma postagem na rede social, sendo esse um fato que comprova como as relações pessoais físicas estão diretamente ligadas às relações estabelecidas *on-line*

Dentre os participantes, 85,2% considera que ao deixar de ser amigo na rede social, essa ação vai refletir no real, sendo que destes, 84,4% já observou pessoas deixando de serem amigas na rede por conta de postagens sobre política e 36,7% afirmam já terem desfeito a amizade justamente por conta desse tipo de publicação.

Ainda assim, 89,8% afirmam tolerar opiniões diferentes no que tange a opinião política exposta na rede, apesar de 52,% concordarem que os seus amigos compartilham posts de acordo a seus ideais e de 44,5% afirmarem se identificar mais com pessoas que pensam parecido.

Outra característica evidenciada na pesquisa foi que 45,3% dos entrevistados afirmam ter vontade de comentar algo nas postagens de seus amigos(as) que os desagradam, mas não o fazem, temendo que o amigo(a) o delete pela exposição da sua opinião diferente. Ou seja, as pessoas estão deixando de comentar a sua opinião e ter voz, praticando a democracia, por temer que ao falar o que pensam, serão excluídos por

seus amigos. Uma ação que inclusive já é adotada por 18% dos entrevistados que afirmam que, quando notam algum post que não vai de encontro às suas convicções eles simplesmente deixam de seguir a página ou amigo, concretizando a intolerância e o distanciamento de seus amigos na prática.

Confira abaixo uma tabela que consta as respostas desses participantes:

Questionário	
1 - Ao acessar a internet, o que você mais utiliza?	<p>Rede social (Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, dentre outros): 85,9%</p> <p>Sites de notícias e entretenimento: 10,2%</p> <p>Jogos:3,9%</p>
2 - Você tolera opiniões políticas diferentes da sua nas redes sociais?	<p>Sim: 89,8%</p> <p>Não: 10,2%</p>
3 - Já tentou convencer alguém a apoiar o mesmo partido que você?	<p>Não: 72,7%</p> <p>Sim:27,3%</p>
4 - Na sua rede social, as postagens compartilhadas por seus amigos (as), que aparecem para você, em maioria são de acordo a seus ideais políticos?	<p>Sim: 52,3%</p> <p>Não: 47,7%</p>
5 - Já se deparou com posts de política nas redes sociais, que ofendam ou exaltem determinado partido, e deixou de ser amigo (a) dessa pessoa na rede social devido a isso?	<p>Sim: 36,7%</p> <p>Não: 63,3%</p>
6- Já observou alguém deixando de ser amigo (a) de outra pessoa, devido a esse tipo post ofensivo ou de exaltação, na rede social?	<p>Sim: 84,4%</p> <p>Não: 15,6%</p>
7 - Ao deixar de ser amigo (a) de uma pessoa	<p>Sim: 85,2%</p>

na rede social, você acredita que este vínculo acaba afetando a amizade dessas pessoas fora das redes sociais, cara a cara?	Não: 14,8%
8 - Já aconteceu de uma pessoa deixar de ter a mesma relação com você, devido a alguma postagem na rede social?	Sim: 35,2% Não: 64,8%
9 - Você acredita que as redes sociais são uma bolha em que apenas opiniões iguais às suas, e de sua preferência, aparecem?	Sim: 39,8% Não: 60,2%
10 - Ao notar uma postagem na rede social que te desagrade, o que você faz:	Deixar de seguir a página ou a pessoa que compartilhou o post: 18% Comentar tentando entender aquela opinião compartilhada e cria um debate construtivo: 10,9% Comentar tentando convencer a pessoa de que ela está errada e que você está com a razão: 0% Não faz nada, porém se sente incomodado(a) e tentado(a) a escrever alguma coisa, mas prefere evitar para não perder a amizade: 45,3% Não liga pra isso: 25,8%
11 - Você se identifica mais com pessoas que pensam igual a você, ou isso não importa?	Que pensam igual: 44,5% Não importa: 55,5%
12 - Acredita que as redes sociais, enquanto divergência de opinião política, está afetando	Aproximando as pessoas: 14,1% Distanciando as pessoas: 85,9%

a relação das pessoas, às aproximando ou as distanciando?	
---	--

Tabela I - Questionário aplicado com usuários do Facebook

Fonte: Elaboração própria

Considerações Finais

O surgimento da internet foi um importante salto para a construção de uma sociedade de informação, principalmente no que tange ao sentido da diversidade deste conteúdo, dando liberdade e espaço a todas as vozes. Porém, com a popularização das redes sociais agregadas ao sentido de se tornar um canal de referência na transmissão da informação, há o travamento de debates nesta esfera, em que, por meio de algoritmos, se é estabelecido um espaço promovedor de bolhas, de modo que essa democracia evidenciada na internet tende a perder sua força.

É importante ressaltar que essa intolerância não se inicia nas redes sociais. A história da sociedade é marcada de intolerância, porém, há um diferencial, visto que se antes, esses embates aconteciam em ambientes não-digitais e que agora, estão sendo migradas destes espaços digitais para o “real”, por meio de um agendamento social, afetando então, as relações pessoais a partir de embates promovidos na rede social.

Devemos elucidar que nem a internet, e muito menos as redes sociais, são plataformas negativas no que tange a interação e comunicação. Estas esferas são essencialmente necessárias no cenário atual da transmissão de informação e democratização. Consideramos estas mídias como ferramentas, de modo que a sociedade que manuseia e constrói a forma desses espaços, portanto, cabe a nós utilizar a rede para estabelecer ações positivas na sociedade, que promovam o debate e uma criticidade no que tange a construção de uma educação política e social, para que estes usuários consigam lidar com a divergência de opinião, de modo a não excluir estas camadas, visto que é preciso conhecer os discursos diferentes, para a partir destes formar uma opinião própria, advinda justamente do estabelecimento desse tipo de interação promovidas pela liberdade de expressão.

E para que isso ocorra é preciso, segundo Pestana (2017) “amadurecer uma postura coletiva de compromisso com a verdade, com a ética e contra a intolerância. As redes podem tornar-se um campo de guerra selvagem e burra ou uma ferramenta preciosa de exercício da liberdade e da cidadania. Depende de nós!”.

Referências Bibliográficas

ABREU, Cristiano Nabuco de; YOUNG, Kimberly S. **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. Brasil: Artmed, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

CARVALHO, Carmen; OTERO, M. Luisa. **Internet e seu DNA contracultural**. 12^a Conferência Ibérica sobre Sistemas de Informação e Tecnologias (CISTI), 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes**. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 de Abr. de 2002.

DEUZE, Mark; SPEERS, Laura; BLANK, Peter. **Vida Midiática**. Revista USP, São Paulo, n.86, p. 139-145, junho/agosto, 2010.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PESTANA, Marcus. **Redes Sociais e Democracia**. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/marcus-pestana/redes-sociais-e-democracia-1.144947>>. Acesso em: 14 de Abr. de 2018.

TEIXEIRA, André. **A ilusão da democracia digital: como o processo de inclusão digital pode ser o caminho para o enfraquecimento da democracia**. Disponível em: <<https://medium.com/@hsteix/a-ilus%C3%A3o-da-democracia-digital-f3e0425e5da2>>. Acesso em: 15 de Abr. de 2018.